Identidades transatlânticas da cultura hip-hop: estudos de caso no Brasil e em Portugal

Rosana Martins
(Universidade Nova de Lisboa; University of London)

Resumo: O hip-hop tem se esforçado na tentativa de denunciar e buscar soluções para fenômenos que marcam, sobretudo, a realidade urbana - como a violência urbana, a violência policial, a discriminação racial, a desigualdade na distribuição da renda, a falência da rede educacional, dentre outros. O objetivo é analisar as ações culturais juvenis periféricas do hip-hop como possíveis mediações para novas práticas políticas na contemporaneidade. Nesse artigo discutimos a contribuição teórico-política dos Estudos Culturais, com seu enfoque no processo de significação das práticas culturais, presente nos tecidos urbanos da cena contemporânea, viabilizando a constituição de novas narrativas - não numa perspectiva unilinear, mas com abertura a entendimentos diversos.

Palavras-chave: Hip-hop. Identidade. Música. Globalização. Estudos culturais.

Title: Transatlantic Identities of Hip-hop Culture: Case Studies in Brazil and Portugal

Abstract: Hip-hop has struggled in trying to report and seek solutions to phenomena that mark especially as urban reality, urban violence, police violence, racial discrimination, inequality in income distribution, bankrupt educational system, among others. The goal is to analyze the actions of peripheral cultural youth hip-hop as possible for new mediations in contemporary political practices. In this article we discuss the theoretical and political contribution of Cultural Studies and its focus on the process of cultural significance, present in the urban fabric of the contemporary scene, which enables the creation of new narratives, not unilinear perspective, but open to different understandings.

Keywords: Hip-hop. Identity. Music. Globalization. Cultural Studies.

MARTINS, Rosana. Identidades transatlânticas da cultura hip-hop: estudos de caso no Brasil e em Portugal. *Opus*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 223-242, dez. 2013.

O presente artigo segue como resultado do estudo sobre agrupamentos juvenis periféricos e a cultura hip-hop, que vem sendo realizado no Centro de Investigação de Media e Jornalismo (CIMJ) da Universidade Nova de Lisboa, Portugal, inserido no âmbito do programa de pós-doutoramento da Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT). Reconstruímos aqui o percurso de uma pesquisa de campo realizada em bairros periféricos da grande São Paulo (São Bernardo do Campo), Brasil, e em Lisboa (Concelho da Amadora), Portugal.

Neste ensaio, são analisados e apresentados os dados que foram recolhidos através dos inquéritos correspondentes à primeira fase desta investigação empírica (2010 e 2011). Na coleta e na análise dos dados, foi utilizada a referência metodológica da abordagem qualitativa, particularmente a partir das entrevistas semiestruturadas individuais com integrantes de coletivos juvenis de hip-hop. Consideramos as entrevistas semiestruturadas como sendo um instrumental privilegiado, devido à sua capacidade de interlocução, permitindo ao entrevistado falar livremente sobre o tema, sem que se sinta limitado à questão. Para melhor captar fielmente as falas dos entrevistados, com o intuito de transcrevê-las, gravamos duas entrevistas, a que se seguiram várias conversas por telefone, com os participantes de ambos os grupos. Partimos também para uma observação participante, sendo a parte brasileira realizada em São Bernardo do Campo, junto à comunidade atendida pelo grupo Posse Hausa, em maio e junho de 2011[1]; em Lisboa, a pesquisa participante foi realizada junto a ações desenvolvidas pelo Dialógo e Acção[2], entre julho de 2009 e setembro de 2010, tanto no Conselho de Amadora em Reboleira, como em atividades do grupo na própria Lisboa.

Ressaltamos que foi nosso intuito, desde o princípio, manter uma aproximação com esses grupos. Tivemos um contato dentro e fora do grupo, com elos de amizades individuais, a partir dos quais pudemos conhecer indivíduos isolados do grupo. Acreditamos ter sido este um fato fundamental, tanto para uma melhor compreensão da cultura hip-hop, como enquanto fonte auxiliar a estudos futuros. Assim, no decorrer de nossa investigação, foram realizadas conversas informais e espontâneas, tendo como intuito deixá-los bem

[1] Cabe ressaltar que, devido às pesquisas de mestrado e doutorado da autora do presente trabalho, a atuação desse grupo vem sendo acompanhada desde 2003.

[2] A autora deste trabalho conheceu o grupo Diálogo e Acção em 2009, em Lisboa, em decorrência de sua mudança para o país, a fim de realizar seu pós-doutoramento. Desde então, pôde participar como palestrantes em algumas ações feitas pelo grupo, tendo abordado temáticas ligadas a gênero, cidadania e hip-hop, promovendo o diálogo entre os dois grupos e estimulando parecerias em outros projetos, nos quais se encontrava envolvida.

relaxados, fazendo-os esquecer de que se tratava de uma pesquisa e, com isso, interferir o mínimo possível no cotiano desses integrantes. Cabe ressaltar que a observação torna-se uma técnica científica a partir do momento em que passa por sistematização, planejamento e controle da objetividade. O pesquisador não está simplesmente olhando o que está acontecendo, mas observando com um olho treinado em busca de certos acontecimentos específicos. A observação participante compreende que o investigador possa experienciar o seu campo pesquisado.

Durante este trabalho investigativo, também contamos com um importante instrumento de pesquisa: o caderno de campo. Nestas importantes observações foram registrados, através de anotações, acontecimentos, comportamentos e comentários das pessoas envolvidas, que nos deram pistas para um aprofundamento dos apontamentos da nossa pesquisa de pós-doutoramento.

Logo, a partir das ações metodológicas mencionadas, temos que o importante num estudo etnográfico é interpretar o fenômeno estudado a partir de suas relações com o contexto social mais amplo e não apenas em razão das relações internas. Metodologicamente, isso implica complementar a informação de campo com informação relativa a outras ordens sociais, e buscar interpretações e explicações com base em elementos externos à situação particular (ROCKWELL; EZPELETA, 1989).

A partir de um aporte teórico multidisciplinar e transversal, conjugado com as diversas áreas no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, visamos identificar ações ligadas à cultura hip-hop e às formas estabelecidas pelos jovens periféricos, em relação ao espaço de sociabilidade e às formas de representação. A base teórica e epistemológica dessa pesquisa foi embasada na linha de pensamento conduzida por *cultural studies*, sobretudo no tocante às formas de representação identitárias que são elaboradas pelos jovens periféricos ligados ao hip-hop na articulação entre cultura e práticas políticas.

Os estudos culturais representados pelo Centre for Contemporary Culture Studies (CCCS), criado na Universidade de Birmingham, Inglaterra, no final dos anos 1960, foi responsável pela difusão dos estudos da juventude sob a perspectiva da subcultura e constituiu um marco na renovação dessa temática de investigação. Através da importante obra *Resistance Through Rituals: Youth Subcultures in Post-War Britain* (HALL; JEFFERSON, 1993 [1976]), apontaram uma série de mudanças, levantadas por um debate mais amplo, ao destacar que um dos primeiros fatores com aumento do mercado e do consumo no pós-guerra foi propiciar o crescimento da indústria de lazer voltada para a juventude. O estudo sobre determinados rituais de juventude levaria ao questionamento das divisões tradicionais

entre cultura popular e de elite, indo ao ponto de levar a sério a cultura de massas, conferindo-lhe dignidade acadêmica (CLARKE, 1990; HALL, JEFFERSON, 1993 [1976]).

Face à nossa contemporaneidade, os estudos culturais se debruçaram predominantemente em reflexões teóricas que os acompanharam de um olhar renovado sobre o passado. Autores como Stuart Hall (1997, 2003, 2002), Paul Gilroy (2001), Bhabha (1994), Hebdige (1979), Canclini (2005) e Jesús Martin-Barbero (1993) retratam os tempos atuais como um estado de transformação na sociedade humana, com avanços tecnológicos, mas também com antagonismos e desigualdades. Stuart Hall (1997, 2002), ao fazer menção ao autor Ernest Laclau, acentua os aspectos positivos do espaço-tempo contemporâneo: desarticula as identidades fixas e estáveis do passado, porém abre perspectivas para novas articulações que permitem a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos que se recompõem em torno de pontos nodais particulares de articulação ou pluralidade de centros de poder.

O autor Stuart Hall (1997, 2003) está convicto de que a cultura não pode mais ser estudada como uma variável sem importância, secundária ou dependente em relação ao que faz o mundo mover-se; tem que ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como a sua vida interior.

A paisagem das grandes metrópoles mundiais apresenta um conjunto novo de inscrições produzidas por indivíduos e grupos juvenis. As ruas, praças, muros e o próprio corpo dos jovens são amiúde utilizados como suportes no processo de identidade e comunicação social. Fenômenos como segregação socioespacial, violência, racismo, sexismo, exclusão, mas também afirmação de identidades, autoestima, cooperação e pertença social, encontram tradução ao nível simbólico. O conjunto dessas intervenções exprime-se em objetos concretos nas músicas, danças, pichações e nos grafites.

Dick Hebdige (1979) defende que a adoção da ideia de estilo como um código responsável por mudanças que teriam transformado o estudo das culturas juvenis e a estrutura social integra as origens sociais num quadro de interpretação das lógicas de resistência, produção e consumo cultural. O estilo era avaliado como um "mecanismo de desordem semântica", sugerindo "violações dos códigos autorizados através dos quais o mundo social é organizado e experienciado" (HEBDIGE, 1979: 91). Hebdige reconhecia nesta operação uma apropriação mágica dos objetos, reconfigurados e utilizados com um novo significado, com um talento invulgar para provocar e chocar, questionar o pensamento hegemônico e desafiar o poder. A afirmação das identidades juvenis, através da

adoção de uma estética e postura determinadas, conhecida como estilo subcultural (CLARKE, 1990; HEBDIGE, 1979), servia como resposta de um coletivo que procurava resolver magicamente as contradições entre a cultura de massas (e o consumismo) e as suas culturas de origem (na classe trabalhadora), na consolidação da autoidentidade e da consciência de grupo.

O hip-hop é um movimento cultural que surgiu no início dos anos 1970, no bairro Bronx, em Nova Iorque, tendo sido criado por jovens negros e imigrantes. O termo hip-hop, na verdade, designa um conjunto cultural vasto, que deriva daí seus quatro elementos artísticos: MC, *master of ceremony*, mestre de cerimônia ou *rapper*, o DJ, *disc jockey*; a dança *break*; o grafite, as artes. A cultura hip-hop, como uma alternativa para a violência e constituindo um sentido para escapar das duras realidades urbanas, alastra-se e polariza-se cultural e comercialmente, ao reivindicar para si o papel de voz marginal(izada) diante da implacável colonização econômica do mundo globalizado (MARTINS, 2005).

A existência das subculturas juvenis ligadas ao hip-hop acabam por dar margem a novas leituras, em formatos que levam a repensar o espaço e estrutura societária. Assim, tomando como exemplo a difusão do rap, através dos meios massivos, enquanto fluxo cultural que se circula globalmente, podemos verificar que o mesmo encontra-se ancorado na ideia de cultura (*hip-hop culture*) que permite a imaginação de uma comunidade mundial (*hip-hop nation*), fundada no protesto contra a injustiça e a opressão social:

> [...] devemos conhecer muito mais ainda nossos direitos e acreditar nisso [...] lutar contra o preconceito, lutar contra o racismo, entendeu, contra a alienação das drogas que invade a periferia, contra a alienação das armas, tudo aquilo que o sistema tenta colocar pro jovem brasileiro, principalmente, pro jovem da periferia, o negro, que é o que mais sofre com isso [...] nós aqui do fundão da periferia nós temos ideologia, nós temos sabedoria, nós temos uma riqueza cultural, somos pobres de grana, de condições financeiras [...] somos pessoas que estão procurando um ideal (SILVA, Arnailton Ribeiro. Entrevista concedida a Rosana Martins por membro do coletivo de hip-hop Posse Hausa. São Paulo, 27 nov. 2009).

O hip-hop emergiu como forte referencial, que permitiu a configuração de identidades juvenis partindo de linguagens que vinham das ruas, dos guetos e de grupos de bairro. Todas as representações do hip-hop têm importância no estudo da dinâmica das

culturas contemporâneas, por torna-se vetor de comunicação e identificação e apresentar dispositivos de força no coletivo, de fusão e pertence.

Em visita ao coletivo Dialogo e Acção em Lisboa, Portugal, no conselho da Amadora, zona de Reboleira, numa conversa informal com a presidente da Associação, a brasileira Ana Rita Chaves (que também é representante da Zulu Nation em Portugal – associação que tem representação em diversos países do mundo), foi nos confidenciado que o hip-hop se transformou em arma política, de reivindicação de direitos identitários. Ana Rita, que emigrou para Portugal há dez anos, busca integrar-se socialmente:

> [...] Todo membro do hip-hop quer a autoestima de olhar enquanto cidadão. O jovem negro tem que ser um guerreiro e lutar para que sua condição de vida melhore. Posse é um sentimento de que você pode ter alguma coisa, identificação com a coisa que é sua. É você tomar posse daquilo. Esse é o sentido figurado da coisa. Jovens ligados ao hip-hop que reúnem para ensaiar ou para lutar por melhores condições no bairro. A importância é: a união faz a força. Toda vez que você chama uma pessoa pra lutar do seu lado, aí você acaba formando um exército. Essa é a importância da Posse (CHAVES, Ana Rita. Entrevista concedida a Rosana Martins por Fundadora da Associação Dialogo e Acção. Lisboa, 20 mar. 2011).

Aqui o "eu" que ganha voz é um "eu" que se determina e se exprime em oposição à objetividade figurada a um poder que tende a se reproduzir.

Parece importante indagar que o senso de pertencimento ganha dimensões abrangentes daquelas até então definidas pelas redes de sociabilidades primárias (família, etnia, religião), reforçando, como estratégia simbólica, a busca por inclusão societária, ou seja, de existir socialmente enquanto indivíduo. O estar-junto passa a constituir a função agregadora que reconstrói a representação em torno do requestionamento do corpo social no patrocínio da participação pública do que antes parecia ser negado. A referência a Durkheim e sua noção de consciência coletiva faz-se, de acordo com Michel Maffesoli (1997), a chave necessária para compreendermos perfeitamente o tecido social contemporâneo e suas diversas efervescências efetuadas em torno ou a partir de sentimentos, de emoções, de imagens, de símbolos suscitando a autonomia do ideal coletivo, através de leis que lhes são próprias. A partilha em torno do hip-hop gera a relação de revestimento que favorece a uma comunhão.

Agrupamentos de jovens no Brasil e a Associação Posse Hausa

"Posse" define-se como grupos coletivos que se organizam localmente, em seus bairros ou regiões, com o objetivo de resgatar a autoestima da juventude local e promover a conscientização política. Nas Posses, os jovens marginalizados se transformam em autores e interventores de suas realidades, uma atuação que vai além das discussões. Busca-se o conhecimento através de reuniões de formação, leituras de livros e vivência da realidade como ela é; são detentores de um senso crítico, construindo um discurso contra-hegemônico da sociedade.

> [...] o hip-hop faz com que as pessoas sejam vistas como cidadãos, pelo fato de entenderem as leis e conquistarem um maior espaço partindo da formação de cidadania [...] Posse não é sentimento, mas um movimento - social, podemos dizer -, pois é por meio da cultura e do entendimento da história que fazemos com que o nosso crescimento pessoal seja alcançado e, com isso, tomamos Posse da historia, da verdade (MARTINS, Mateus. Entrevista concedida a Rosana Martins por membro da Associação Posse Haussa, de 37 anos, conhecido como PQNO. São Paulo, 5 jun. 2012).

> Ser um *hip-hopper* na Posse Hausa significa ter responsabilidade com um movimento político-cultural que serve como instrumento de atuação nas comunidades, tanto para diversão como para a mudança social, é um dever utilizar-se dos cinco elementos desse movimento para transformar a vida das pessoas. Ser *hip-hopper* é falar o que vive, o que sente, expressando com seu jeito particular como você enxerga o mundo que o cerca (OADQ, Honerê Al-amin, membro da Associação Posse Hausa de São Bernardo do Campo apud Santos, 2010).

Portanto, a importância de uma coletividade como Posse segue daí: ela evidencia um "nós" necessário para a constituição de cada ser humano individual, processo que dá testemunho ao fato de que vidas individuais não se formam apenas de dentro das estruturas burocráticas institucionais, mas principalmente de fora, ou seja, das arenas interacionais, das arenas públicas de diálogo e o indivíduo conversando com os outros atualiza sua crítica ao mundo, cria outra lógica, externa à normalidade social. O prazer de "estar junto" implica em ter momentos de reflexão, de teorias, de trocas culturais, de sensibilidade, de trabalho com o corpo e de sensibilidade compartilhada.

Posse Hausa é uma entidade civil sem fins lucrativos de jovens ligados à cultura hip-hop, que funciona como associação desde 26 de junho de 1993. O reconhecimento formal do grupo enquanto associação é também o reconhecimento do grupo enquanto entidade jurídica e isso é visto como um passo positivo, no sentido da incorporação nos processos de decisão na comunidade local - uma forma mais eficaz de representação e de pressão "política" frente às representações governamentais e também, como salientou PQNO em uma de nossas conversas informais, ser uma entidade facilitaria também no ingresso do grupo em projetos do governo ou de empresas que exigem um reconhecimento legal para o recebimento de certos fundos de investimento.

A Posse Hausa vem estimulando a parceria, o diálogo local e a solidariedade entre os diferentes segmentos sociais, ao participar em conjunto com outras entidades de atividades que objetivem interesses comuns, visando desenvolver trabalhos de parceria com órgãos públicos e entidades civis. A Hausa tem sede provisória na residência de um membro do grupo, conta atualmente com um total de vinte componentes e vem sobrevivendo, em grande parte, através do esforço próprio dos seus integrantes, muitas das vezes de doações dos próprios membros, sendo que grande parcela dos componentes possuem outro emprego, geralmente, fixo.

> [...] temos nossos empregos fixos e fazemos algo para melhorar a sociedade em que estamos inseridos, pois somos, enquanto maioria negra que participa deste movimento, os mais afetados pela discriminação, por ser periferia, pobre e negro. (MARTINS, Mateus. Entrevista concedida a Rosana Martins por membro da Associação Posse Haussa, conhecido como PQNO. São Paulo, 5 jun. 2012).

Organizar-se através de uma Posse significa constituir um laço familiar de solidariedade entre os seus membros, através de valores que visem melhorar sua condição de vida e a do próximo. Os jovens moradores do mesmo bairro dos integrantes da Posse, em São Bernardo acabam por se identificar com a cultura hip-hop e com a Posse e, com isso, encontram uma alternativa de expressão, uma forma de diálogo que tem como intuito solucionar alguns problemas que os afetam na comunidade, frente às autoridades locais. A atuação da Posse Hausa caracteriza-se pela participação de jovens que atuam como arte-educadores, propagando a cidadania através dos cinco elementos do hip-hop, imbuídos de espírito público por relações políticas igualitárias e por uma estrutura social assentada na colaboração. As festas, os festivais, os espetáculos funcionam como momentos de ligação,

experiências com significado para todo o grupo e apontam o papel da comunicação na produção, reprodução, inovação e defesa de um discurso próprio desses jovens frente à sociedade. Além disso, a Posse possui um *webpage* na internet (http://possehausa.blogspot.pt/), onde podemos encontrar relatos dos integrantes, assim como eventos organizados pela Posse ou eventos para os quais a Posse é convidada. Aqui encontramos, entre outros, pequenos relatos dos membros sobre temáticas envolvendo preconceito, história afro-brasileira, informes sobre grupos de rap apoiadores da Hausa e informes de eventos do hip-hop.

Os jovens membros da Hausa buscam exercer sua cidadania através desta cultura. Os jovens adeptos do hip-hop acreditam no seu potencial para melhorarem a realidade onde vivem, realizando oficinas de grafite, de *Break*, de DJ (discotecagem) e de Rima.

Um componente do grupo, Mateus, contou-nos que ministrou uma oficina de *disc jockey* como educador na antiga FEBEM do Tatuapé[3] e que ouviu de um interno que, a partir daquela oportunidade de participação, ele poderia a voltar a sonhar com um futuro melhor, com uma melhor condição de vida e de inserção social. Esse relato aponta interseções nas trajetórias dos sujeitos e nas redes sociais da qual fazem parte. O caráter político-educativo incentiva o aspecto reivindicatório por melhores condições de vida, numa movimentação visível do retorno do jovem como ator político e cria um território crítico de ação simbólica e cultural, descobrindo-se socialmente por meio da arte, produzindo uma identificação própria como sujeitos políticos. Essa perspectiva aproxima-se das características relevantes na organização social, e do que Velho (2003: 117) denomina "negociação da realidade", ou seja, as trocas e as interações que constituem a vida social.

Decorrem daí iniciativas autônomas e de autogestão, a partir das quais o grupo determina seus objetivos, escolhe seus meios e estabelece os controles pertinentes, sem necessitar de referência a uma autoridade externa. Na autogestão, desaparece a diferença entre administradores e administrados, visto que nela ocorre a autoadministração, com estruturas não burocráticas e até informais, e com formas coletivas de tomada de decisões, praticadas com certo distanciamento social (relativamente pequeno) entre liderança e demais participantes (MELUCCI, 1996).

[3] A Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor - Unidade do Tatuapé (FEBEM do Tatuapé) foi o maior complexo correcional para menores do Brasil. Está localizada no bairro do Belenzinho, na zona sudeste da cidade de São Paulo. Esta unidade foi palco de numerosas rebeliões, em que foram registradas mortes de menores infratores. Passa, atualmente, por um processo de desapropriação e transferência dos internos para unidades de menor capacidade.

Com o objetivo de difundir as culturas hip-hop e afro-brasileira, a Associação Posse Hausa participa ativamente de fóruns nacionais e internacionais - enquanto palestrantes, ouvintes e *rappers* - proporcionando atividades educacionais e socioculturais junto a temas voltados a meio ambiente, gênero, raça, classe, o que é racismo e suas manifestações discriminatórias e preconceituosas. As principais bandeiras da Posse Hausa é a expansão do hip-hop nas ruas, onde ele nasceu, sem perder suas características, promovendo a luta contra o racismo e o genocídio da juventude negra periférica, assim como pelos direitos das mulheres negras e de toda forma de exclusão. Outra característica sempre presente é o combate às drogas, vistas como uma das principais armas de extermínio da população negra periférica.

O hip-hop enquanto manifestação cultural associada à origem africana-diaspórica encontra-se vinculado ao espaço denominado Black Atlantic, por Paul Gilroy. Por meio desse conceito, Gilroy (2001) confrontou as posturas comuns entre os pensadores da condição negra, argumentando, de modo convincente, contra os discursos de inspiração nacionalista e romântica que têm a África como origem de uma cultura negra pura. É, pois, com a metáfora do "Atlântico Negro" que este autor remete ao sentimento de desterritorialização da cultura, em oposição à ideia de uma cultura territorial fechada e codificada no corpo, e busca explorar as relações entre raça, nação, nacionalidade e etnia, para colocar em xeque o mito da identidade étnica e da unidade nacional, assim como para pensar em novas bases a cultura e a(s) identidade(s) negra(s), enfatizando, sobretudo, o problema e os limites da identidade étnica e racial. O autor demonstra como as culturas africanas, na África e na diáspora, nunca viveram hermeticamente fechadas em si mesmas e nem são vistas no campo unidirecional, mas compondo um espaço de profundas trocas culturais e identitárias.

Desse modo, ao transgredir as imagens homogeneizadoras, os membros da Hausa constroem sua noção de "negritude" e de hip-hop racial sob a chave da interação entre sistemas comunicativos e de contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem; isto é, a partir da identificação de elementos comuns encontrados na história da diáspora africana e das experiências singulares de discriminação e de segregação vivenciados pelos componentes do grupo na comunidade local brasileira. Nesse processo, a história de luta e resistência de seus antepassados, é projetada na história vivida, sendo ressignificada.

A associação participou da criação do Acervo Especial de Culturas Africanas e Afro-Americanas, em parceria com o Movimento Negro Unificado, na Biblioteca Jardim

Paineiras, em Diadema (região industrial da parte metropolitana de São Paulo), sendo esta a única referência para leitores e pesquisadores da temática na região do ABC. Este acervo, também, surge no centro das discussões acerca de políticas públicas para a população negra. O grupo participou também do encaminhamento de minutas de projetos de lei, que incluem nos currículos escolares da rede municipal de Diadema e de Mauá, assuntos relacionados à África e à contribuição, tanto socioeconômica como político-cultural, dos afro-brasileiros na sociedade brasileira – leis estas que foram aprovadas.

Dos seus trabalhos à comunidade destacamos: os desenvolvidos sobre a questão racial nas áreas da educação e da cultura, com o Movimento Negro Unificado junto ao Departamento de Cultura de São Bernardo do Campo; a participação na organização, juntamente com o Movimento Negro Unificado e Projeto Meninos e Meninas de Rua, da primeira passeata da Juventude Negra Periférica em São Bernardo do Campo; a participação junto a trabalhos para recuperação de jovens na FEBEM do Tatuapé, ministrando palestras dentro do projeto DST/AIDS; além da realização de eventos na esfera cultural. E, pela expressiva importância política e cultural do hip-hop de São Paulo, a Posse foi instrumento de estudo de tese de Mestrado em Educação, na Universidade de São Paulo, pela pesquisadora Elaine Nunes de Andrade (1996).

A educação formal e informal é muito importante para o grupo, seja nos relatos proferidos em atividades realizadas por estes, nas experiências pessoais de cada componente, ou até mesmo nas participações que exigem um estudo mais aprofundado com base em pesquisas feitas pelos membros e que podem ocorrer em eventos temáticos nos quais estes são convidados como palestrantes em universidades ou em algum outro evento acadêmico. Todas essas formas de participação, segundo narrou PQNO em uma conversa informal, possibilitam o acesso ao conhecimento, às novas formas de leitura da história e exercem um papel central nessa nova construção da cidadania.

> As ações políticas e sociais do hip-hop se realizam através do seu quinto elemento: o conhecimento. Sem o conhecimento, o rap, o *break* e o grafite não teriam esse caráter informativo e conscientizador das questões sociais. Ser um *hip-hopper* exige a busca de um conhecimento que vai além daquele ensinado nos livros didáticos (SANTOS, Alexandre. Entrevista concedida a Rosana Martins por membro da Associação Posse Haussa, de 26 anos. São Paulo, 17 jun. 2012).

A educação transformadora, popular, crítica, que dialoga com a realidade dos sujeitos envolvidos, remete-nos aos ideais introduzidos pelo educador Paulo Freire (2001), cujos princípios da educação popular estão relacionados a mudanças na realidade opressora, ao reconhecimento, à valorização e à emancipação dos diversos sujeitos individuais e coletivos. A conscientização, a prática e a reflexão sobre a prática formam a categoria de organização da educação popular, constituindo elementos básicos para a transformação social.

Podemos notar, em decorrência de nossa participação em atividades do grupo e das conversas informais que tivemos com PQNO e com Alexandre dos Santos, que a vivência grupal e a prática social dos jovens na Posse Hausa apontam para um crescente e significativo ato educativo "popular", no qual a participação comunitária e a formulação de questões vão garantindo a consciência política de cada componente. A articulação dos agentes propicia a luta pela produção de novos discursos, de novas verdades e de outros saberes. Aprender a falar, a opinar e a formular questões são os atributos encontrados na dinâmica e na prática social da Hausa.

Agrupamentos de jovens em Portugal e a Associação Dialogo e Acção, representante portuguesa da Zulu Nation

Em diversos países, a cultura hip-hop tem servido como veículo de expressão para jovens que passam por situações de opressão ou de discriminação. Nesse âmbito, a cultura hip-hop em Portugal tornou-se uma espécie de senha para a definição de novas formas de localidades-identitárias (locais, regionais, nacionais) e de novas globalidades - identitárias - que chegam a atravessar fronteiras. Desse modo, o poder de aglutinação vem exatamente de sua capacidade de tradução e ampliação do sentimento de injustiça, presente entre populações que vivem à margem da efetivação de justiça social, ou seja, da inclusão e do reconhecimento dos princípios de igualdade.

Nos bairros sociais e degradados de Lisboa, Portugal, o hip-hop vem servindo como ferramenta de integração e inclusão social. O que se nota como constante são as condições insuficientes de infraestrutura, resultando em condições deterioradas de vivência e existência cotidiana. As imagens produzidas pelos meios de comunicação social estabeleceram diferenças e reforçaram formas de classificação, ao estigmatizar territorialmente os bairros sociais como espaços degradados, publicamente etiquetados como zonas de "não direitos", para usar o termo de Wacquant (2001), espaços marginalizados e indiferentes, associados a guetos de jovens negros ligados à criminalidade.

Regina Novaes, que estuda a cena juvenil no Brasil, discute essa luta por reconhecimento, lembrando que os jovens de áreas periféricas são marginalizados também devido ao local onde residem: "(...) ao preconceito e à discriminação de classe, gênero, e cor adicionam-se o preconceito e a discriminação por endereço" (NOVAES, 2006: 106).

A ausência de reconhecimento do outro como sujeito de interesses e aspirações representa nada mais do que uma forma de sociabilidade, que por hora não se completa, por ser regida por uma lógica de anulação do outro como identidade.

A Associação Dialogo e Acção, entidade que representa a Zulu Nation em Portugal, não possui sede própria e provisoriamente vem desenvolvendo suas atividades nas dependências de uma igreja, no bairro social da Reboleira, freguesia do concelho de Amadora, pertencente ao Distrito de Lisboa. Dentre suas ações, vem amparando, orientando e defendendo, sobretudo, os direitos dos jovens e das mulheres imigrantes, concentrados em bairros de habitação social ou bairros sociais[4] na área metropolitana de Lisboa, com ações diretas, trabalhando sempre através de um diálogo que incita a paz, a cidadania, e a valorização da autoestima humana e das suas potencialidades artísticas, capacitando, assim, agentes culturais mediadores e multiplicadores da mensagem. A inserção dos jovens no universo cultural transforma sua condição, sendo que muitos deixam de ser espectadores passivos e firmam-se como criadores ativos, além de lutarem por visibilidade. Para eles, essas atividades culturais constituem um dos poucos espaços de construção de autoestima, possibilitando-lhes edificar identidades positivas.

Através de suas ações, os jovens membros dessa associação se articulam com os arte educadores, realizando danças, sessões de cinema, oficinas de hip-hop e palestras, para que os problemas da comunidade em relação a drogas, violência e sexualidade sejam minimizados através de suas práticas diárias. Esses jovens participam de fóruns, promovem seminários e se unem a outros movimentos juvenis nas discussões e lutas por políticas públicas. A associação vem exercitando o que denominamos "descentramento do olhar

[4] Os primeiros bairros sociais foram construídos nos anos 1920, sendo inaugurados apenas nos anos 30, devido ao início de industrialização portuguesa dos anos 30 e 40 e ao êxodo das populações do campo para a cidade, apesar de ter havido uma tentativa de promoção da vida no campo por parte dos governantes. A habitação social é definida como habitação de custos controlados, promovida com o apoio financeiro do Estado, nomeadamente pelas Câmaras Municipais, Cooperativas de Habitação e Empresas Privadas, sendo destinadas à venda ou a arrendamento e obedecendo aos limites da área bruta, custo de construção e preços de venda fixados. A habitação social traz sempre consigo o excesso de burocracia e funcionalismo, além de um distanciamento das especificidades locais e comunitárias e, por vezes, das escolhas e opções de vida das populações (Cf. SERRA, 2002).

colonizador", a partir do argumento de que o indivíduo constrói sua alteridade a partir do momento em que começa a contestar o olhar do colonizador sobre si. O ponto central que está por trás desse olhar pós-colonial é lutar, como diz Mignolo (1996), por um deslocamento do *locus* de enunciação. O interesse é de relocação. Não se trata apenas de devolver o olhar, mas de tentar mudar a origem do olhar, exercitando assim a hermenêutica pluritópica. Dito de outra forma, criar espaços de possibilidades, para que o subalterno possa se subjetivar autonomamente.

Visando a expansão das redes sociais para além das fronteiras do bairro, a associação vem participando de redes internacionais de hip-hop, buscando parcerias com outras manifestações coletivas que partilham de filosofias semelhantes às do grupo, buscando um alargamento das áreas de intervenção. Em 2010, por exemplo, com o apoio Fundação Gulbenkian, o Dialogo e Acção recebeu apoio para o projeto intitulado *Hip hop de batom*, que através das várias vertentes do hip-hop - canto, dança, discotecagem e grafite - e num meio ainda marcadamente masculino, pretendeu dar espaço à voz as mulheres, assim como promover a igualdade de gênero e o exercício dos direitos de cidadania das mulheres, tendo em vista o decréscimo da violência pública e privada que submete muitas mulheres a constrangimentos, a discriminações, a desigualdades de oportunidades de acesso ao emprego ou que as atira para a prostituição, tornando-as vítimas dos traficantes da indústria do sexo, entre outras tantas agressões ainda exercida contra elas.

No âmbito deste projeto, foram desenvolvidas diversas atividades, visando uma troca de experiências entre as mulheres envolvidas no projeto *Hip hop de batom*. Mostras de filmes e documentários sobre a importância da mulher e da cultura hip-hop, exposições e espetáculos ao vivo com especial apelo às mulheres artistas de zonas urbanas periféricas ou a participação das jovens do grupo *Hip hop de batom* em seminários sobre o tema Violência Contra as Mulheres são exemplos de algumas iniciativas realizadas. Um dos resultados obtidos através de um curso frequentado pelas *rappers* foi a realização de uma letra escrita pelas integrantes falando da mutilação genital feminina em países africanos e uma ilustração visual feito pela grafiteira do grupo.

Em 2010 foi realizado o primeiro encontro de hip-hop feminino em Lisboa, em três finais de semana. Podemos dizer que encontramos aqui uma aproximação das temáticas levantadas pelas *hip-hoppers* em Lisboa, em comparação com o que conhecemos da cena brasileira. Cada vez mais, tem sido debatido o papel que as mulheres vêm ocupando na cena da cultura hip-hop (uma cultura ainda muito focada no universo masculino), seja nas letras de músicas com temas voltados mais para os anseios das

mulheres "periféricas" e seus dilemas cotidianos, seja em retratando o papel da mulher na sociedade, não mais vista somente como a "dona de casa", mas como aquela que tem sonhos, que anseia seguir sua profissão, que possui sua opção sexual, que não tolera mais nenhum tipo de violência doméstica, dentre outros mais. Cabe ressaltar que o fio condutor desse encontro foi a sensibilização e a capacitação de jovens mulheres, não só como agentes culturais para a inclusão de outras jovens mulheres, a partir de uma linguagem artística aceita nos bairros de onde são provenientes - a música rap e a arte visual do grafite -, mas também como agentes de mediação e diálogo para a paz e para a resolução de conflitos. A formação destas jovens teve como objetivo preparar e transformar as participantes em agentes multiplicadoras, habilitando-as para trabalhar nas suas comunidades. Tendo em conta que os bairros nos quais a associação trabalha têm um alto índice de portadoras de HIV/SIDA, a formação voltou-se também a essa área. Com mais segurança e conhecimento, espera-se que estas jovens ajudem a prevenir a proliferação de HIV/SIDA e de outras doenças sexualmente transmissíveis, assim como da gravidez na adolescência, estimulando a valorização da autoestima das mulheres do seu bairro, passando informações que entendemos serem úteis à vida diária delas, fortalecendo a rede de mulheres, criando alternativas e dando respostas às suas dúvidas.

Hip hop pela paz é o projeto que está sendo atualmente realizado pela Associação Dialogo e Acção, e tem por objetivo o desenvolvimento pessoal e social, a integração e a educação para a cidadania, tendo o hip-hop como veículo de informação cultural. O projeto integra jovens de bairros sociais de Lisboa - Sta Filomena, Cruz Vermelha (Cascais), Amadora, Queluz, Sintra, Apelação (Loures), Quinta da Princesa (Seixal), Estoril, Chelas e Fim do Mundo -, reunindo um total de 20 jovens, com idades entre 14 e 28 anos, dentre os quais estão portugueses filhos de imigrantes vindos de Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau e Brasil, envolvidos na multiplicação de ações pela paz e por não-violência. O projeto vem fortalecendo os talentos, qualidades e competências desses jovens, contribuindo, com isso, para o processo de inclusão social dos jovens no quotidiano cultural do seu bairro.

No dia 10 de setembro de 2011, o anfiteatro ao ar livre da Fundação Calouste Gulbenkian acolheu o concerto de lançamento do CD *Hip hop pela paz*, que visou a promoção da não-violência e do diálogo, no sentido de potencializar a criatividade rítmica e musical, num contexto de interação sociocultural e de inclusão social. Esse encontro contou com a participação dos jovens membros do grupo Zulu Nation, moradores dos bairros metropolitanos de Lisboa, tendo havido um concerto em que se apresentaram grupos de rap, dança *break*, mural de grafite confeccionado durante o evento, e venda do

CD *Hip hop pela paz*. Destacamos duas passagens de entrevistas que realizamos com os jovens artistas:

> Quero sempre ser original e me manter dentro de uma filosofia com referência na Zulu Nation. Trazer a ideologia inicial do hip-hop, a unificação dos povos, a paz! Quero alertar a todos através de informações, que o pessoal não tem conhecimento com palavras que possam nos fazer crescer! (POT, Jack. Entrevista concedida a Rosana Martins por membro da Associação Dialogo e Acção/ Zulu Nation Portugal, *rapper*, de 21 anos. Lisboa, 24 jul. 2012).

> Não se trata de uma vontade temporária, não se trata de uma moda, não se trata de um passatempo. Trata-se de procurar, com as nossas capacidades e ou dons, melhorar o mundo à luz do 5º Elemento - a que designamos como Conhecimento (MENDES, Nicandro Francisco de Barros. Entrevista concedida a Rosana Martins por membro da Associação Dialogo e Acção/ Zulu Nation Portugal, *rapper*, de 24 anos. Cacém, Portugal, 5 jul. 2012).

Os jovens participantes deste coletivo e adeptos do hip-hop buscam, através de suas ações, intervir na realidade cotidiana como forma de transformação social, valorizando seu local de origem, com o objetivo de melhorá-la, através de sua ação cultural. Logo, subjacente à vontade de participar, encontra-se um sentido cívico, uma preocupação social, um sentimento de bem-estar por realizar algo que é positivo para outras pessoas - nomeadamente, o grupo a quem a atividade se destina. À luz disto, para esses jovens, o simples fato de participar implica em forte apelo para a criação e a experimentação de formas diferentes de relações sociais cotidianas, no exercício de espaços de relações mais solidárias, de consciência menos dirigida pelo mercado, de manifestações culturais menos alienadas em reação às várias deficiências da esfera social, que se manifestam na periferia do sistema**.**

Partindo do princípio da cidadania como um direito à vida no sentido pleno, estes jovens acreditam que, através de sua cultura, podem exercer alguns de seus direitos e deveres de forma alternativa, buscando construir outra realidade no local onde vivem:

> Quando você está participando de um coletivo você se sente mais importante até mesmo para você, tanto a sua auto-estima, quando da importância que você se dá

> para si. Eu consigo exercitar o que eu gosto, o que eu sei fazer. Quando você está no coletivo, quando nos unimos torna mais forte (ANDRADE, Cátia. Gata, 28, rapper Entrevista concedida a Rosana Martins por membro do grupo *Hip-hop de batom*, *rapper* de 21 anos, cujo codinome é Gata. Lisboa, 22 jul. 2012).

Por meio de redes sociais disponíveis pela Internet, alguns movimentos coletivos juvenis se tornam atores sociais, participam e intervêm em processos dentro de suas próprias comunidades, assim como nos espaços públicos das cidades em que residem. Alteram e transformam as estruturas e características originais dos cenários urbanos através da arte. Logo, podemos dizer que um dos termos-chave utilizados por estas associações é protagonismo juvenil, que se traduz pela participação dos jovens nos contextos em que estão inseridos, no sentido de proposição de caminhos para a concretização da condição de cidadania. Nestes agrupamentos juvenis, ligados ao hip-hop, os sujeitos sociais se comunicam e tomam conhecimento de seus direitos e deveres e, a partir deste momento, tomam decisões sobre suas vidas, seja de forma individual, seja de forma coletiva. A identidade de pertencimento se reforça como estratégia simbólica de busca de inclusão frente a contextos de fragmentação, derivados de processos de desigualdade cada vez mais intensos.

Considerações finais

A partir das narrativas dos jovens ligados ao movimento hip-hop, buscamos compreender processos sociais que formam suas identidades, procurando analisar as redes de aprendizagem e sociabilidade que eles apresentam. Observamos as relações estabelecidas por esses e a construção de suas experiências de lazer nos espaços públicos da cidade, e constatamos o caráter educativo e cultural de suas práticas de "ludicidade", assim como, seus processos de identificação e construção de identidades.

A relação entre jovens e o espaço urbano pressupõe a necessidade de se propor uma abordagem que reconheça o "habitar" como algo que se faz, que se produz ativamente. Trata-se de explorar a forma como os jovens circulam e habitam o espaço urbano, sempre levando em conta as diferenças de gênero e a forma como a estratificação social se reflete, quer na própria estrutura urbanística, quer nos circuitos que os jovens inventam, nela reproduzindo e recriando processos de significação dos lugares, as suas formas diferenciadas de "circular" a cidade, como o que Certeau (1994) designa "mapas" e "circuitos". Assim, a auto-encenação da cidade como espaço de diversidade desses "outros

espaços", mapas e circuitos está sendo cada vez mais documentada no hip-hop, o que leva a questionar o modo como o território luso-brasileiro se auto-representa.

No caso de Lisboa, a música rap acaba por constituir um veículo através do qual jovens imigrantes (oriundos, em sua maioria, de Cabo-Verde, Guiné-Bissau e Angola) e jovens nascidos em Portugal, mas com uma descendência familiar destes países, possam contar sua história, narrar seu cotidiano, ao retratar a condição de ser imigrante ou filho de imigrante, falar sobre o orgulho de ser africano ou seu descendente e referir-se aos desafios encontrados em Portugal, sobretudo no que diz respeito à afirmação da "identidade portuguesa", diante dos desafios apresentados como preconceito, racismo e falta de perspectivas futuras.

Construídas nas interações sociais, as representações sociais juvenis urbanas acabam por se constituir em mediações entre os sujeitos e o mundo, interpenetrando sentimentos, ideias, biografias, ideologias, fundindo as histórias dos sujeitos no local e global; e apropriadas para dar sentido às suas ações no cotidiano. Estas agremiações foram potencializadas pela disseminação da democracia, que deu aos grupos excluídos maior espaço de representação política e reivindicação, que associada ao progresso no setor de comunicação permitiu articulações de luta novas em entes epistêmicos, antes isolados. Deveu-se, ainda, à aceleração dos fluxos migratórios, criando, fora do contexto de origem, diásporas que apoiam exigências de reconhecimento cultural e fornecem aos jovens periféricos novos modelos de atuação, aquisição de novos saberes e protagonismo social, assim como novos espaços de pertencimento.

Esses coletivos juvenis possuem perfis auto-organizativos, autogestionários e extrainstitucionais, organizados por meio de diferentes articulações estéticas, políticas e de ações culturais. Rever a identidade, questionar a identidade e reafirmar a identidade tornam-se exigências correntes. Pertencer a um movimento, a uma rede, a um campo ético-político, situar-se num campo discursivo, enfim, implica em experimentar o desafio da alteridade, inserir-se em lutas pelo reconhecimento ou pela reparação de injustiças e desigualdades.

É possível identificar uma diversidade de motivações, que pode estar na base do estímulo sentido pelo/a jovem para dar os primeiros passos dentro desses coletivos ligados ao hip-hop, assim sintetizadas: afinidades simbólicas e afetivas face às atividades às quais adere; necessidade ou desejo de expressar-se em termos identitários, em ligação com as raízes culturais africanas; acesso a formação e/ou oportunidade de emprego, conjugando gostos pessoais; oportunidade de conhecer pessoas e conviver, podendo interligar-se com

laços de amizade, familiares ou comunitários, com forte peso das sociabilidades juvenis; resolução de problemas concretos que afetam o indivíduo ou o bairro onde reside, aliando o interesse individual a um sentido cívico de contribuir para o bem-estar coletivo.

Sintetizando, a leitura feita destes agrupamentos implementam ações que acabam por contribuir com a possibilidade de construção da cidadania, em respeito às suas diferenças e direitos. Os agrupamentos dos jovens vinculados ao hip-hop no espaço urbano luso-brasileiro acabam por remeter a um território tanto de encontro como de conflito e medo. São, portanto, um campo de pesquisa privilegiado para a compreensão e a decodificação dos significados e dos papéis sociais que se atribuem à juventude periférica.

Referências

ANDRADE, Elaine Nunes de. *Movimento negro juvenil*: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 1996.

BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. Londres: Routledge, 1994.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CLARKE, Gary. Defending Ski-Jumpers: A Critique of Theories of Youth Subcultures. In: FRITH, S.; GOODWIN, A. (Org.). *On Record*. Nova York: Pantheon, Books, 1990.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. Série Paulo Freire. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, S.; EFFERSON, T. (Org.) *Resistence Through Rituals*: Youth Subcultures in Post-War Britain. London: Hutchinson and Co, CCCS, University of Birmingham, 1993 [1976].

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação e Realidade,* v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

_____. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.

_____. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HEBDIGE, D. *Subculture*: The Meaning of Style. London: Methuen, 1979.

MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político*: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.

MARTIN-BARBERO, J. *De los medios a las mediaciones.* 3. ed. México: G. Gilli, 1993.

MARTINS, Rosana. *O Estilo que ninguém segura.* São Paulo: Esetec, 2005.

MELUCCI, Alberto. *Challenging Codes: Collective Action in the Information Age.* New York: Cambridge University Press, 1996.

MIGNOLO, W.D. *Histórias Locais/Projetos Globais*: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (Org.). *Culturas jovens*: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. p.105-120.

ROCKWELL, Elsie; EZPELETA, Justa. *Pesquisa Participante*. 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

SANTOS, J.L. *Re-significando a negritude através do hip-hop*. Associação Posse Hausa. Weblog. São Paulo: [s.n.], 12 abr. 2010. Disponível em: <http://possehausa.blogspot.com>. Acesso em: 8 jan. 2012.

SERRA, Nuno. *Estado, território e estratégias de habitação*. Coimbra: Quarteto Editora, 2002.

WACQUANT, Loic. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose***.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Rosana Martins é Cientista Social pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Atualmente, é Pós-doutoranda e pesquisadora do Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ), da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), da Universidade Nova de Lisboa (UNL), e Pesquisadora Associada ao Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Comunicação e Consciência (netccon.eco.ufrj). É membro do *The Transnational Lives, Gender and Mobility network* (TLM&G), do Institute of Social Sciences, University of Lisbon/ European Science Foundation, e *Visiting Fellow Research* no Centre for Cultural Studies – Goldsmith, University of London, UK. É autora dos livros: *Hip-hop: o estilo que ninguém segura* (Esetec, 2006); *Admirável mundo MTV Brasil* (Saraiva, 2006); *Direitos humanos, segurança pública & comunicação* (Acadepol, 2007) e *Lusophone Hip-Hop "Who We Are" and "Where We Are": Identity, Urban Culture and Belonging* (Sean Kingston Publishing, 2013). rosanasantosposse@yahoo.com.br